

TRAVESSA ÁLVARES DE AZEVEDO

Ato nº 63 de 05-09-1934

Formada pela antiga travessa Amália

Início na rua Itú

Término na rua Coronel Quirino

Cambuí

Obs.: Ato assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Perseu Leite de Barros. Esta via pública foi conhecida pelos nomes de travessa Ferreira Penteado e travessa Amália.

ÁLVARES DE AZEVEDO

Manuel Antonio Alvares de Azevedo nasceu na cidade de São Paulo, em 12-novembro-1831 e faleceu no Rio de Janeiro, a 25-abril-1852. Alvares de Azevedo passou a sua infancia no Rio de Janeiro, cursando o Collegio Stoll e mais tarde o Colégio D. Pedro II. Terminados esses cursos veio para São Paulo, ingressando na Faculdade de Direito e ao chegar ao 5º e último ano, antes de se formar, faleceu. O filólogo Silveira Bueno, disse que Alvares de Azevedo não pôde deixar obra definitiva, deu-nos apenas uma amostra do que faria seu gênio se a morte não o talhasse quando a mocidade mal começava. O mesmo Silveira Bueno diz que Alvares de Azevedo nasceu em São Paulo a 12-novembro-1831, em casa de seu avô materno, o conselheiro Silveira da Mota, na rua Quintino Bocaiúva, esquina da rua Senador Feijó, com o fim de esclarecimento, para destruir a lenda de que o poeta nascera na biblioteca da Faculdade de Direito, numa noite de festa, como insinuou Agripino Grieco, que disse: "O pobre Alvares de Azevedo que nascera junto a uma biblioteca quase esperneando e vagando em meio aos "infolios" da Academia. De natureza inteligente e idealista, Alvares de Azevedo foi poeta de extrema sensibilidade. Ronald de Carvalho diz que ele trouxe às nossas letras o amargor irônico de Byron, a melancolia de Musset, a inquietação de Shelley e Spronceda e o pessimismo imaginativo de Leopardi. Refletia com certa constância, descrença profunda do amor, que procurava em vão. O amor frustrado, quem sabe, pelo físico de tuberculoso incipiente. Na sua fisionomia se desenha precoce o sofrimento. O poeta da "Lira dos Vinte Anos", "Poesias Diversas", "Poema do Frade", e "Carta sobre a Atualidade do Teatro entre Nós" é o patrono da Cadeira nº 2 da Academia Brasileira de Letras e numa de suas poesias, deixou seu epitáfio: "Foi poeta, sonhou e amou na vida..."

TRAVESSA ALVARES DE AZEVEDO

**Acto N. 63**

*Dando denominação de Alvares Azevedo a
uma via publica*

PERSEU LEITE DE BARROS, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Considerando que Manoel Antonio Alvares de Azevedo foi um dos maiores poetas brasileiros, como justa homenagem á sua memoria, resolvo baixar o seguinte:

ACTO N. 63

Art. 1.º—Fica doravante denominada «*Travessa Alvares de Azevedo*» a via publica da «*Villa Amalia*», limitada pelas ruas Itú e Coronel Quirino.

Art. 2.º—Revogam-se as disposições em contrario.
Campinas, 5 de Setembro de 1934

P. Leite Barros

Publicado na Secretaria da Prefeitura, aos 5 de Set. de 1934.
O Secretario da Camara, addido á Prefeitura,

Admar Maia

**12 de setembro**

de do Teatro entre nós". Sofreu visível influência de Byron, Musset e outros autores estrangeiros, porém, revelou genuíno valor literário e moral. "Poucos poetas no mundo terão, em tão curto tempo de vida, realizado obra tão séria, tão duradoura" - escreveu Edgard Cavalheiro.

Prosador de talento e poeta inspirado, que defendia o teatro "como apostolado do belo e fonte de inspiração para as massas", nasceu Manuel Antonio Alvares de Azevedo, nesta capital, a 12 de setembro de 1831, precisamente há cento e quarenta anos, e morreu no Rio de Janeiro a 25 de abril de 1852. Bacharel pelo Colégio Pedro II frequentou, a seguir, a Faculdade de Direito de São Paulo e dedicou-se às letras. Publicou "Poesias Diversas", "Poema do Frade", "Lira dos Vinte Anos" e "Carta sobre a atualida-

POETAS PAULISTAS

A inquietação de Alvares de Azevedo



"Quanta gloria pressinto no meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perderei chorando essas coroas,
Se eu morresse amanhã..."

"Lembranças de morrer"; "Se eu morresse amanhã"; são mais que poesias presagios — são manifestações da íntima angústia da alma do poeta.

Natureza inteligente e idealista, enfraquecido, quem sabe, pelo estudo e agitada leitura dos sonhadores do seu tempo, Alvares de Azevedo quis viver na America o instante europeu. Suas composições são o perfume dos seus primeiros anos, nenhuma o fruto sazonado pelo tempo. Bom estudante, profundo conhecedor das matérias, Alvares de Azevedo a par com o estudo produzia incansavelmente. Parece que a intuição lhe dizia não sobreviver ao 5.º ano da Faculdade.

O seu livro e a sua pasta de estudante encontram-se no Instituto Historico de São Paulo. Alvares de Azevedo conhecia bem a lingua que modelava as suas ideias e as suas emoções. Embrenhou-se no estudo do Di-

reito Romano, anotou com esclarecido criterio o livro adotado de Direito Mercantil e o Código de Comercio do Brasil, fez a análise de "Jacques Rola", de Alfredo Musset, comentou os "Estudos litterarios sobre a marcha da civilização em

DANTE ALIGHIERI VITA
(Do Instituto Historico e Geografico de S. Paulo)

Portugal" e fragmentos de um poema em linguagem antiga.

E como Musset, via a vida e a natureza através da sua tristeza doentia, às vezes, morbida. As leituras de Byron, de Heine e outros insuflaram, talvez, muita morbidez naquele terreno tão apropriado, tão fragil. Se não fora um genio os livros o teriam embrutecido.

"Junto do leito meus poetas dormem
— O Dante, a Biblia, Shakespeare e Byron
Na mesa conjundidos..."

Alvares de Azevedo, diz Ronald de Carvalho, trouxe às nossas letras o amargor ironico de Byron, a melancolia de Musset, a inquietação de Shelley e Spronceda e o pessimismo imaginativo de Leopardi. Refletia, com certa constancia, descrença profunda do amor, que procurava em vão. O amor frustrado, quem sabe, pelo fisico de tuberculoso incipiente. Na sua

fisionomia se desenha precoce e sofrimento. Muita originalidade extravagante que flameja na sua romanesca e rica imaginação não seria, talvez, a queixa de jamais ter encontrado um amor profundo que o abalasse, uma donzela que o prendesse?

Sublimou, diria, boa parte do seu lirismo com a força de verdadeira adoração em sua mãe, em sua irmã Maria Luísa:

Só levo uma saudade — é dessas sombras.
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, o' minha mãe, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas..."

E em outro lugar:

"Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã,
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã..."

E ainda estes versos carinhosos:

"Criatura de Deus, o' mãe saudosa,
No silencio da noite e no retiro
A ti vòo minh' alma esperançosa
E do palido peito o meu suspiro."

Palavras de mimo e de canção que, não raro, contrastam com outras cheias de amargura e ironia.

Nele predomina mais o subjetivismo. A materialidade da impressão, quase sempre, se idealiza na mulher, no amor. A paisagem evolui para o transporte amoroso, para a mulher querida. Há visível carencia de impressões da natureza, da sociedade. O que se vê em "Tarde de Verão", "Tarde de Outono", ainda que pareçam descritivas, traduzem sensações subjetivas. Os temporais, os naufragios, as avalanches nascem de uma poderosa fantasia, de ideias arrojadas, estupendas, mas aos poucos se transformam em impressões suaves e delicadas. Mostra-se de grande imaginação, de profunda sentimentalidade, contrariando às vezes, o travor de sua tristeza com laivos de humorismos.

Franzino e boemio, o adolescente que padecia do "Welt-smerz" dos escritores alemães, metia-se em aventuras com Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães e outros dentro do ambiente provinciano de S. Paulo. Queria viver a vida de Byron, de Heine, de Shelley, de Musset, seus ídolos, trazendo sua magoa, sua inquietação, sua dúvida, que já haviam contaminado aquele meado do século, dentro da garoa bandeirante.

"Entre todos os poetas e prosadores da nossa chamada fase romantica, diz Augusto Frederico Schmidt, esse quase menino, Alvares de Azevedo, foi o ser mais autentico, o que mais se integrou na atmosfera do seu mundo, o mais intimamente ligado a esse "estado de espirito", o romantismo. Alvares de Azevedo era integralmente um romantico, um ser que se afirmava a si mesmo antes de afirmar o mundo."





O patrono da cadeira n.º 2 da Academia Brasileira de Letras esgotou a sua mocidade trabalhando como poucos. Mais que no "Poema do Frade", o contista está na "Noite da Taverna", onde entre muita beleza, muita extravagância, o dramatasta está nos "Boemios" e em "Macario". E ainda mais que nalgumas paginas objetivas de "Pedro Ivo", "Cantiga do Sertanejo" e "Na minha terra", há em "Gloria Moribunda", "Cadaver de Poeta", "Sombra de D. Juan", muito desprazer, muita desilusão, em que veio despenhar o romantismo no decenio de 60 a 70 no clima academico das Arcadas. Mas, é em "Macario",

é na "Noite na Taverna", que o forte sabor byroniano, temperado com o mal venenoso de Alfredo de Musset se infiltra mais inexoravelmente na sua alma.

"Um homem que existia tragicamente e procurava possuir todas as coisas rapidamente, como se estivesse no seu presentimento que poderia resistir apenas durante a primeira estacão" — diz Augusto Frederico Schmidt.

O poeta da "Lira dos Vinte Anos", ora se mostra apegado à vida, porque se morresse a mãe de saudades morreria, ora se conforma com o destino tragico que pressentia

*"Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto o poento caminheiro..."*

E, na mesma poesia, finaliza:

*"Na floresta dos homens esquecida
À sombra de uma cruz — e escrevam nela
Foi poeta, sonhou e amou na vida..."*

As melhores paginas de Alvares de Azevedo são aquelas em que ele deu expansão ao seu talento mais natural e intimo — o talento lirico. "Seu lirismo é espontaneo, original e sobretudo triste, diz Ronald de Carvalho. Algumas poesias são irregulares na forma e na concepção, mas, em geral, de extraordinaria beleza. Sua composição é rica na metrica, sempre vazada nos ritmos. Alvares de Azevedo realizou momentos de elevadissima inspiração, enriquecendo a literatura brasileira de novo e inedito lirismo. Com seus poemas, oscilando sempre a fé e o ateismo, Alvares de Azevedo elevou a "poesia da duvida", ao mesmo tempo dolorosa e ironica à mais alta intensidade".

—o—
Manuel Antonio Alvares de Azevedo nasceu em São Paulo a 12 de novembro de 1831, em casa do seu avô materno, o conselheiro Silveira da Mota, na rua Quintino Bocaiuva, esquina da rua Senador Feijó. Silveira Bueno faz questão de esclarecer estas nocões talvez, para destruir a lenda de que o poeta nascera na biblioteca da Fa-

cidade de Direito, numa noite de festa como insinua Agripino Grieco quando diz: "O pobre Alvares de Azevedo que nasceu junto a uma biblioteca quase esperneando e vagindo em meio aos "infolios" da Academia".

Alvares de Azevedo passou sua infancia no Rio de Janeiro, cursando o Colegio Stoll e o de Pedro II antes de entrar na Faculdade de Direito. Nas Arcadas, na São Paulo romantica de Piratininga foi curta a sua vida para imprimir, talvez, todo o seu genio no instante fugitivo e breve do tempo.

"Que fatalidade, meu pai!" — eis as ultimas palavras.

Morreu no ano de sua formatura a 25 de abril de 1852, no Rio de Janeiro. Diz Silveira Bueno, não pôde deixar obra definitiva, deu-nos apenas uma amostra do que faria o seu genio se a morte não o talhasse quando a mocidade mal começava.

Alvares de Azevedo, o poeta da duvida, pertenceu a uma geração literaria que tombou quase toda na adolescencia, mas, já aureolada pela gloria da imortalidade!